

Evangelho e transformação social ①

1. Contexto da expressão "transf. social"

Supomos q' esta expressão duas coisas:

- q' há transf. social a operar-se e q' o Evangelho é impelido por ela -

- q' o Evangelho é ele próprio portador de transf. social potencial

Tentaremos ver ao longo deste parágrafo algumas linhas dominantes de um e outro aspecto da questão.

Fá-lo. emos não como pura elaboração teórica mas como caminho para uma interrogação:

"Q' é o ~~caso~~ Evangelho p.º nós hoje?"



As falamos de transformação ②
ao nível da sociedade, temos neces-
sariamente de acentuar a perspec-
tiva histórica em q̄ nos situamos.

Não estamos óbvia/. naquela
noção em q̄ a história é conce-
bida de uma forma linear -
como se fosse desenhado uma
linha contínua, essencial/ não
interrompida, e em q̄ certos
fenómenos aparecem como
sobressaltos inevitáveis.

Fundação Cuidar o Futuro

Tal noção traduz:

- o desejo de permanência
e de estabilidade q̄ há no homem
(sempre a pensar d condições
no'mada à condições sedentária)
- o medo perante os
possíveis vazios, perante os



momentos em que a história 3
inflexão o seu sentido;

— uma maneira ingênua de
perceber os acontecimentos e a
sua interrelação.

nao-critica,
mésica

Neste conceito, não me parece
legítimo falar em "transformações".
O que acontece é "passagem do facto"
de um a outro herói, é "trans-
missão de valores" de geração em
geração. Fundação Cuidar o Futuro
naquela abstracção de
sociedade em que é possível falar
~~assim~~ do processo educativo: "leit. p. l. b."

Como ~~o~~ de ~~uma~~ entrada numa
tradição.



Há outra forma de olhar a ⁽⁴⁾ história, uma forma essencial/discontínua. A história desenvolver-se-ia segundo um modelo análogo ao da libertação da energia do átomo, i.e., passa-se de um nível de energia a outro nível de energia por um salto, por uma descontinuidade.

Aceita-se aqui como inerente ao processo histórico a seu influxo, a sua mudança de sentido.

A realidade, neste conceito, não segue as leis de um desabrochar lógico. Aqui surgem outras formas de os homens serem, estarem, conviverem entre si e dominarem o mundo. Aqui



O modelo de hoje vaza-se em (5) novo cadinho e os seus materiais re-arranjam-se, re-organizam-se, ultrapassando a forma q̄ tinham constituído. Aqui se opera no sentido literal uma transformação.

Nunca tal perspectiva da história mudam as atitudes dos homens:

- em vez do desejo de permanência e de estabilidade, aceita-se a possibilidade de mudança como um dado da inserção na história;
- em vez do medo, a coragem perante os momentos de ruptura e a capacidade inventiva que torna rápido o salto (após o assassinio de Amílcar Laboral - "homem inteligente e político hábil" - o quê? Jornalista: "prê-se enduerei/ do sítio &?")



— em vez da "ingenuidade" ⑥
acrítica e mágica, uma maneira
consciente e reflexiva de perceber
os acontecimentos e de intervir
no seu desenrolar.

Neste contexto, a transformação
é sempre portadora de significado,
mas é pontual, mas envolve
uma realidade global do conheci-
mento e o eu tem de si próprio,
das relações entre os, das
líneas do eu perante o mundo.



Dizemos ainda q̄ se trata de (7)
"transf. social".

Este adjetivo "social" tem sido bastante mal tratado e dele se poderia quase dizer: "Oh! social! q. ^{tos} crimes se cometeram em teu nome!"

P.^a muita gente, com uma concepção privada, utilimista e (e) necessariamente individualista da sua atividade no mundo q̄ a c. caritativa é do ~~do~~ domínio do "social".
Aí se encontra o seu sentido mais comum. A ou B têm um "grande sentido social" porque dão aos pobres, q̄ se aplicam na arte de bem fazer. Benfeitores cujo busto se desceve (~~se fez~~ ^{se os} ~~na~~ ~~cidade~~) na aldeia onde viveram.



Há depois um outro domínio (8) em q̄ (m. ^{to} h) (e alguns cristãos) se encontram empunhados. É o domínio das carências fundamentais dos h̄s à sua volta:

- é a habitação (1/2 milhões de famílias s/casa)

- é a fome no mundo

- é a desemprego, o sub-emprego e a emigração etc.

Fundação Cuidar o Futuro



Aqui já se trata de uma preocupação + ampla, q̄ envolve os homens em sociedade. Mas ao ser abordado por uma act individual, o social permanece individualista e ~~a~~ pouco susceptível de operar uma transf. portadora de novo sentido. (Excepção: a obra do P.^o Amoroso-Lus catinhatior)

Fundação Cuidar o Futuro

2. Evolução recente do conteúdo (10) de "transf. social"

Interessa ver agora como evoluíram estes três termos da "transformação social".

Não os analiso separada/ na medida em q em cada momento formam uma equação homogênea.

Tão pouco parto dos tempos pré-históricos ou de uma tentativa de elaboração do conceito em termos da história passada.

Limita-me - ei aos conceitos vivos na história presentes

tal como a vivemos, ~~em~~ consciente ou inconsciente/.



Um primeiro esquema (11)
é aquele que tem como objecto
a coesidade na sua realidade
económica, quer primária ao
nível da riqueza total quer
secundária ao nível da sua
repartição.

Sujeitos desta transformação
são os técnicos, os detentores do
poder, os gestores do poder político.
Porém o aumento de riqueza apa-
rece como prioritário, os q sabem
como fazer são instrumentos indis-
pensáveis e julgam-se a si
próprios como abrindo rumos
novos à coesidade.

Os meios q utilizam são
os das acções q visam o
aumento da produtividade de

das empresas, da rentabili- (12)
dade dos indivíduos, da plani-
ficações centralizada ou de
petições sem limites.



~~Nesta~~ Na escolha dos meios
insere-se a um tempo a
sociedade de capitalismo liberal
como os EUA e a sociedade de
comunismo dirigido como a
União Soviética. Entre os dois
extremos situa-se uma vasta
gama de modalidades q̄
curegem as características mais
cristãs ao nível das sociedades
q̄ são as nações mas q̄ essas
~~também~~ ainda se repartem ainda
por uma maior pulverização
ao nível dos indivíduos.

Um tal tipo de transformação ⁽¹³⁾
social identifica-se com o conceito
ainda vigente em certos grupos
de desevolvimento económico.

~~Por esses grupos,~~

Num segundo esquema,
os sujeitos da ~~ação de~~ trans-
formação social são os homens
q̄ se abrem à sua possibilidade
de intervenção na história.

Alarga-se o domínio das com-
petências para se incluírem
todos os homens capazes de
revelarem as suas aspirações,
e necessidades.

~~Utilizam-se~~ Utilizam-se como

meios as técnicas de abordagem
de populações, de desenvolvi-



mento comunitário, de plebis (14)
cito ou referendum. (A escala
de instituir - empresa, escola ou
outra - tenta auscultar-se o q̄
desejam as pessoas dando-lhes
a noção de q̄ podem determi-
nar o seu próprio destino).

Visa-se assim uma socie-
dade em q̄ todos se sintam
bem - daí a popularidade
de um conceito de "bem-
-estar social", como se alguma
vez. Tal conceito está presente
nos seus efeitos na sociedade
dos países nórdicos da
Europa.



Num terceiro esquema, constata-se o fracasso do ponto de partida. Não se trata nem de grupos técnicos a transformarem a sociedade nem do alargamento desses grupos, por ~~um~~ processos vários de chamada à participação, a camadas cada vez maiores da população.

Parte-se da população, diferenciada já nos grupos de afinidade que forma e difusa/consistente de que podem fazer alguma coisa.

Os meios de uma tal transformação são sobretudo a denúncia dos ~~seus~~ elementos estruturais/alienantes da



sociedade em questão, quer se (16)
trate da crítica radical ao capi-
talismo liberal quer se trate
da desmitificação da sociedade
comunista nas suas formas
mais primárias. É essencial
~~em tal~~ Visa-se assim uma
sociedade liberta de constran-
gimentos vindos do poder
económico ou do poder ideoló-
gico, sociedade em q o bem de
todos é ~~o~~ a teia
complexa q liga entre si o
bem de cada um.



Estes três esfermas não se sucedem rigorosa/ na ordem cronológica. Coexistem actual/ no mundo e podemos dizer q coexistem no seio da grande maioria das sociedades. Daí nas com contradições q se tornam patentes ao nível do descontentamento ~~do~~ psicológico de cada indivíduo q se avolu- nam, por vezes, até se tornarem estímulo para ~~uma~~ a expressão de um descontentamento colectivo.

No entanto, raros têm sido os casos em q este descontentamento tem podido superar, vencendo-a, a contradição q he deu origem.



(18)

Assim, vejamos como se processa, ao nível político, uma das contradições fundamentais ~~de~~ dos esquemas citados.

Tanto no 1.º como no 2.º esquema estamos a funcionar dentro duma linha liberal em q̄ os direitos de cada homem têm uma absoluta prioridade. Rigorosa/ falado o poder político resume-se a garantir q̄ esses direitos sejam assegurados. Daí q̄ o seu exercício esteja na mão daqueles q̄, detentores de algo (em princípio detentores do poder técnico-político) regem e administram bem de todos.



Ora q^{te} mais se ~~compre~~ (19)
aproxima o esquema de trans-
formação social do seu objeto
(maior riqueza p. todos), mais
a economia invade os direitos
dos indivíduos, obrigando-os
a comprar o \bar{p} não precisam,
criando necessidades artificiais,
levando-os a desejarem o \bar{q}
básica/ os não satisfaz.

Fundação Cuidar o Futuro

Nessa invasão, a economia
precisa \bar{q} os homens sejam
colaboracionistas. Provoca-lhes
primeiro um apetite de ter
e um desejo de escolher
 \bar{q} não desembocar numa
tomada de decisão no acto
de compra.



O homem adquire assim, ⁽²⁰⁾
por via obrigatória - em regime
liberal, a capacidade de
"participar." Consciente então
da sua possibilidade de
intervenção na flutuação de
economia, é chamado à
participação q vem a tradu-
zir-se em dois termos:
integração no sistema e
assimilação dos ~~seus~~ ^{seus} ~~valores~~ ^{valores}
valores propostos pela razão
lógica técnica q rege
economia.

Q.º + deseja participar,
+ difícil se lhe torna por
em causa a complexa



máquina técnica que já possui (21)
a intervir. Q.º - o faz, usa
um primarismo de crítica
e de metodologia q̄ o torna
bode expiatório do sistema. ^{Em}
outros casos, a sua recusa perante o sistema torna-
se pura e simplesmente marginal.



Creio q̄ à medida q̄
os homens se vão tornando
marginais (num certo domínio
de sua existência) e se vão
reconhecendo como tais,
vai crescendo potencial/ a
capacidade de se solidarizarem
na ação para uma transfor-
mação da sociedade q̄
rejeitam. Vão-se encami-
nhando assim, se a sua

marginalidade for consciente (22)
e coerente para o 3.º esquema
de transf. de \bar{g} falei. \bar{g} quer
acentuar, no entanto, \bar{g} a
própria gênese desta margina-
lidade a leva a definir-se
nas suas relações aos "nós" dos
poderes constituídos mas
sobretudo à estrutura desses
poderes. \bar{g} (Fazer como resultado)

Se a marginalidade nasce
na recusa daquele aspecto
do sistema \bar{g} parece levar
os objetivos do L e da socie-
dade, e aí th. \bar{g} ela tem
a que possibilidade de
se tornar ação eficaz



A marginalidade leva 23
num 1.º tempo à realização
de actos proféticos q̄ hegamos
o q̄ é e anunciamos como
devia ser.

Num 2.º tempo a marginali-
dade leva à comunhão entre
os homens p̄ irruena no
mesmo despojamento e no
mesmo desejo de outra coisa
aqueles q̄ rejeitam o tipo de
esquema da sociedade
q̄ vivem.

A interrogação q̄ se põe
é a de saber se toda a acção
de transformação social
supõe sempre esta condição
marginal, de ser à parte,
de



Ora é m/convicção de q̄ (24)
q̄ é possível vencer a contra-
dição, contradizendo-q, ~~ie~~,
passando para além dela.
~~o q̄ equivale a dizer~~
Como?

~~- Fazendo uma leitura
crítica da sociedade em
q̄ vivemos~~



Fundação Cuidar o Futuro

É aí q̄ o traço vermelho
ao apresentar nos textos lidos
como sinal de contradição
nos ~~dis~~ anuncia a salvação
necessária ao tempo em
q̄ vivemos.

A Teoria desenvolverá esse
sujeito. Licitar-me-ei
agora a ^{testar} ~~testar~~ ~~nas~~
discutir nas próprias

forças presentes no estado (28)
de hoje os caminhos já de si
portadores de um germen
de transformação social.



Fundação Cuidar o Futuro

3. Forças de transformaç social, suas possibilidades e ambi- valências



• A primeira força de transformaç é a tomada de consciência, ao nível do planeta, da limitação dos ^{modelos} modelos de transformaç.

De um lado, continentes inteiros (penso especial na América Latina) dizem-lhes q̄ não lhes interessa uma transformaç q̄ afecte em 1.º lugar o ter, mas aquela transf. qualitativa em q̄ o ser não seja abafado pelo ter. Verifica o carácter

caduco das civilizações (27)
alta/industrializadas, as
neuroses q' geram, o desejo
de fuga q' provocam, a
~~descobrir q' os hs pa~~
leva a querer encontrar
as condições de vida em
q' o h' possa ser feliz e ter
aquele espaço de realizar
em q' desaborda o p' de
Fundação Cuidar o Futuro
melhor há ou pode haver
em si.

De outro lado a experiên-
cia do fad' quotidiano tem
a liberdade que lhe dá o
gosto e q' verdadeira/ o
alimenta. Tto. aí, se
escutarmos as vozes de ho.



meus como So

verificamos q̄ o ter, ainda q̄
~~maneira~~ ^{atendido q̄} em todos os domicílios
em q̄ o h̄ se movimenta,
há chega para q̄ o h̄ se
sentir feliz.

Na constatação desses
factos surge, como o veri-
ficamos na vitalidade dos
movimentos de conscien-
tização na Am. Latina ou
nas correntes literárias
da Rússia, uma aspiração
à felicidade q̄ está p̄
além dos sistemas conhe-
cidos.



Uma ^{outra} ~~força~~ ~~que~~ encontra-se nos dados q̄ a psicologia das profundezas trouxe consigo, e q̄ a ^{o existencial. tornou} ~~psicologia~~ ^{filosofia} dos gregos completou.

Ainda q̄ ~~este~~ sujeito cada vez a maiores tensões, o ~~tem~~ ~~um~~ ~~conhecimento~~ conhece-se vivo quando responsável na situação concreta em q̄ vive.

O seu caso é sempre situado e datado. Q. ^{isto} + limitada for a situação nos seus contornos, mais garantia tem o ~~tem~~ de a equacionar e de lhe fazer face.

Fundação Cuidar o Futuro



• Desobediência. O \bar{h} \bar{g} é ⁽³⁰⁾
uma consciência - em ligação
of outras consciências. Mais:
a sua sobrevivência como
unidade de pessoa depende
da segurança afectiva \bar{g}
encontra nos outros homens.
Sabe \bar{g} esta inter-dependên-
cia é, por vezes, penosa e
conflitual, mas ~~não~~ pode
deixar de a viver, sob pena
de deixar de existir. - Em
todas as sociedades se multi-
plicam os cursos, os traços,
~~as~~ ~~pro~~ difusões de conheci-
mentos \bar{g} tornam esta
situação real p: cada homem.



Aí ele tem a base para (31)
de encontrar voluntária / e
os outros hs, p.º de associar
e/ eles e trabalhar para
a sociedade nova.



Fundação Cuidar o Futuro

• Não menos importante é (32)
a consciência q̄ o h̄ tem do
domínio das humanidade
sobre a matéria. O progresso
técnico abre as portas a
uma capacidade única de
racionalizar os problemas
sobretudo aqueles q̄ dizem
respeito ao futuro mínimo
p̄ q̄ a existência seja consi-
derada humana - a aliena-
ção, a habitação, a saúde,
a escolaridade.

Não interessa só produzir
mais mas q̄ todos e
cada um tenham acesso
aos bens vitais. ~~A con~~



A consciência da desigualdade crescente entre os lis em termos de pobres e ricos ao mesmo tempo q ~~se afirma~~ a consciência de q cada homem tem direitos inalienáveis leva necessária/ ao compromisso p^o construir uma sociedade em q os bens sejam repartidos porque a todos pertencem.

"O vale pertence a quem o souber fazer florir."



• Uma outra força permeando todas as outras é a q̄ decorre de itenogef: "onde está o poder?"

A irrupção da contestação no termo da década de 60, que trouxe consigo m.^{tos} momentos "irreverentes" e violentos, trouxe R. com camilho p: a crítica valdada / empenhada, p: a expressão do ítem vital do h ~~so~~ face ~~debrar-se~~ sobre as contra-dições ou meras tolices q̄ encontra no seu mundo.



Nesta linha, desempenham
 papel importante os jovens,
 q.^{do} - denunciam o q. não
 deve ser. Eles são, por isso
 hoje - e pela força do seu
 h.^o - um elemento p.^o
 a transf. social, se não
 forem recuperados as suas
 manifestações pelo adulto
 e se eles próprios manti-
 verem a veência da sua
 contestação.

Fundação Cuidar o Futuro

~~Tb. os motivos de libertação~~
~~(de classes, grupos étnicos,~~
~~ou - mulheres~~
~~- pobres~~
~~- inquietos~~

